

## **Território e territorialidades: o coletivo do Bom Jardim Produções e a produção audiovisual “Narradores Urbanos”<sup>1</sup>**

José Augustiano Xavier dos SANTOS<sup>2</sup>

Liliane Luz ALVES<sup>3</sup>

Catarina Tereza Farias de OLIVEIRA<sup>4</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

Este artigo por objetivo refletir sobre os conceitos de território e territorialidades, por meio da produção audiovisual “Narradores Urbanos”, uma realização do coletivo Bom Jardim Produções, situado no Bom Jardim, bairro da periferia da cidade de Fortaleza. Buscando compreender como as narrativas construídas na produção audiovisual são capazes de apresentar as complexidades do território do grande Bom Jardim, o presente artigo tem também a intenção de trazer achados teóricos que nos ajudem a refletir e problematizar os impactos de uma produção local no cotidiano do território. Pretende-se, desse modo, realizar uma análise fílmica que nos ajude a problematizar a construção do território e a produção de territorialidades, tomando como objeto uma das produções audiovisuais do coletivo “Bom Jardim Produções”.

**PALAVRAS-CHAVE:** território; territorialidades; coletivos; audiovisual.

### **INTRODUÇÃO**

Nesse artigo, iremos refletir sobre como os moradores do Grande Bom Jardim, bairro da periferia da cidade de Fortaleza, se relacionam com o seu território ao longo do tempo e quais aspectos podem compreender e considerar importantes na reflexão

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) - UFC, e-mail: [jaxs14@gmail.com](mailto:jaxs14@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutoranda em Linguística no Programa Pós-Graduação em Linguística (PROLING) - UFPB, e-mail: [lililuz@gmail.com](mailto:lililuz@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) - UFC, e-mail: [catarina.oliveira@uece.br](mailto:catarina.oliveira@uece.br)

---

sobre as territorialidades e a produção audiovisual. A busca aqui se revela na tentativa de desvendar o ponto de tangência e mesclagem entre território-territorialidades-audiovisuais. O plano de fundo desse mergulho será um movimento de analisar e refletir como as construções dos espaços, os sujeitos e suas questões culturais, sociais e da sua relação com o espaço, por meio das técnicas.

Importante ressaltar que o Bairro do Bom Jardim está situado ao sudoeste de Fortaleza, no estado do Ceará, e faz divisa com o bairro do Conjunto Ceará, Siqueira, Bom Sucesso, bairros da periferia da cidade de Fortaleza. De acordo com dados do IBGE/2010, o Bom Jardim conta com 204.281 mil habitantes, sendo considerado o bairro mais populoso da cidade, e faz fronteira com os municípios de Caucaia e Maracanaú. Segundo Aguiar (2008), uma parte significativa dos moradores do Bom Jardim, sobrevive com uma renda média baixa ou baixa, o que pode colaborar para o surgimento de diversos problemas sociais.

A construção tecnológica em curso, sobretudo do ponto de vista digital, está voltada para alterar as rotinas, agilizar processos, mudanças no processo criativo, viabilizadas com a intenção de reduzir o tempo que se leva para desenvolver determinada atividade, por exemplo.

E nesse movimento de avanço tecnológico e as relações entre território e territorialidades é que vamos observar, de modo cada vez mais presente, alterações também no contexto sociocultural, no imaginário dos sujeitos e forma como fazem uso e lidam com o espaço e com o tempo em seu cotidiano. Construindo um ritmo mais acelerado e tentando, em alguma medida, ser mais recorrente, romper com os limites e barreiras espaciais, marcando a nova dinâmica contemporânea.

Nesse sentido, para esse movimento, analisaremos o documentário (curta-metragem) “Narradores Urbanos – Outro olhar sobre o Bom Jardim” (2019), uma realização do Coletivo Bom Jardim Produções, um coletivo de moradores do Bom Jardim que faz uso da prática cinematográfica para expressar suas ideias e sua relação com o território.

### **O espaço, o território e as territorialidades**

---

Trazemos aqui algumas reflexões teóricas que nos ajudarão na compreensão sobre os conceitos relativos ao espaço, o território e as territorialidades. De início, Santos (2003) nos traz uma importante reflexão sobre os estudos da realidade social, nos apontando caminhos para refletir sobre o espaço e sua organização, e os desafios do exercício da cidadania nesse contexto, marcado por um modelo capitalista.

Nessa perspectiva, o espaço será um território marcado por perpetuar desigualdades, levando em conta que os interesses do mercado têm se sobreposto aos interesses da população inserida neste espaço, o que estimula o processo migratório no Brasil, estimulado pelo consumo. De acordo com o autor, o que vai estabelecer mudanças nos quadros dos territórios será o contexto de alteração na estrutura de poder. Quando se nota uma alteração no poder, ocorre uma alteração na escala e na estrutura do território. O espaço será compreendido como uma realidade inicial que produzirá o território, por meio das relações de poder local.

Para Raffastin (1993), a relação que há entre o solo e o Estado é complexa. De acordo com o autor, o surgimento do Estado tem relação com as comunidades que se apropriam do solo, fazendo uso dos recursos territoriais presentes. O poder territorial hierarquizado e centralizado no Estado, nega o poder do povo. Nesse contexto, as dimensões políticas perfazem esse processo. A geografia humana é, assim, uma geografia que tem forte relação com processos políticos.

Trata-se de uma ilustração política daquilo que se chamou de determinismo, que teve seus defensores e seus detratores inflamados. Este não é o lugar apropriado para se retomar essa velha disputa, que só teria interesse histórico. Contudo, é interessante mostrar que essa relação entre solo e Estado inaugurou uma tendência nomotética na geografia que o famoso probabilismo francês não soube substituir. Não soube, na medida em que os instrumentos que se deveriam mobilizar, a saber os da estatística probabilística, pelo menos durante meio século não fizeram parte do arsenal metodológico da geografia (RAFFASTIN, 1993, Pág. 13).

Ainda de acordo com Raffastin (1993), as relações de poder estão inseridas nas relações sociais, econômicas etc. Para ele é algo que se relaciona com o espaço-tempo, de modo multidimensional e intrínseco, tendo que se observar que não são subjetivas, são intencionais e objetivas. A população tem forte relação no processo, uma vez que será ela que dinamizará todas as relações de poder, no contexto do território e das relações ali estabelecidas.

---

Nesse sentido, Harvey (1992) destaca que o processo de homogeneização do espaço vai possibilitar o surgimento de diversos problemas e dificuldades em se tentar compreender o lugar. Todo esse processo tem estreita relação com a dimensão de se observar a política espacial que irá perfazer o lugar e como ele irá se comportar diante das transformações apresentadas. Assim, podemos dizer que, como pontua o autor, o espaço absoluto irá construir o chamado espaço relativo. Sobre esse contexto, Harvey (1992) destaca:

É exatamente nesse ponto que a tensão incipiente entre lugar e espaço pode transformar-se num antagonismo absoluto. A reorganização do espaço para fins democráticos pôs em xeque o poder dinástico personificado no lugar. "A derrubada de portões, o cruzamento de fossos de castelos, o caminhar ao bel-prazer em lugares onde já fora proibido entrar: a apropriação de um certo espaço, que teve de ser aberto e invadido, foi o primeiro deleite da Revolução [Francesa]." (Harvey, 1992, pág. 234).

De acordo com Sack (2013), ao apresenta uma perspectiva sobre as mudanças históricas e culturais em diversos momentos e lugares, refletindo sobre o contraste entre as relações espaciais, que não são territoriais, e as diversas formas de organização do território, pontua que a territorialidade é uma possibilidade dos sujeitos ou coletivos estabelecerem relações de poder, o que vai efetivar o controle sobre esse espaço. Nesse contexto, a territorialidade é constituída por meio das relações culturais, políticas e econômicas. Essa compreensão nos leva, de acordo com Sack (2013), a pensar territorialidade de formas diferentes, em uma perspectiva vinculada à diversidade espacial e cultural.

A Territorialidade para os humanos é uma estratégia geográfica poderosa para controlar pessoas e coisas através de um controle de área. Os territórios políticos e a propriedade privada da terra podem ser as suas formas mais familiares, mas a Territorialidade ocorre em vários graus e em inúmeros contextos sociais. Ela é usada nas relações do dia-a-dia e nas organizações complexas. A Territorialidade é uma expressão geográfica primária do poder social. Ela é um meio pelo qual o espaço e o tempo estão interrelacionados. A mudança de funções da Territorialidade nos ajuda a entender as relações históricas entre a sociedade, o espaço e o tempo (SACK, 2013, Pág. 06).

### **Territorialidades no campo do audiovisual**

Para Santos (2006), a cidade se revela como um objeto heterogêneo e inacabado, algo que está sempre em processo de mutação e transformação. Nesse sentido, sujeita a diversos impactos culturais, presentes nas sociedades, esses espaços vão assumindo

---

diferentes características, frutos de conflitos, disputa de poder e das necessidades socioculturais.

A cidade é, desse modo, vista por Santos (2006) como lugar de mediação de lutas entre sujeitos, que sistematicamente travam disputas por seus espaços. Para o autor, será em meados da década de 70 que será presenciado de modo mais intenso, o chamado “O técnico, científico e informacional”, que marcará o sistema capitalista. Marca-se aí, de acordo com o autor, o processo de transformação de métodos que vão alterar o espaço geográfico por meio dos processos de produção e reprodução.

O casamento da técnica e da ciência, longamente preparado desde o século XVIII, veio reforçar a relação que desde então se esboçava entre ciência e produção. Em sua versão atual como tecnociência, está situada a base material e ideológica em que se fundam o discurso e a prática da globalização. (SANTOS, 2006: 115).

Para ZANETTI (2018), o que pode auxiliar na compreensão sobre aproximação entre comunicação e territorialidades, seria tratar o território como algo mais complexo, não o compreendendo como uma espacialidade qualquer, que foi modificado e que segue passando por alterações.

Esse “transformar-se em” permanentemente, um devir território, requer uma multiplicidade de operações e processos heterogêneos, nas quais a comunicação se apresenta como uma dessas dinâmicas, na forma de um dispositivo, como propõe Agamben (2014), a partir de Foucault. Compreender e descrever essas operações em suas inúmeras possibilidades de abordagem são desafios que se colocam para o campo de estudos da comunicação, a partir de algumas linhas possíveis de atuação, as quais sugerimos a seguir, e que foram construídas de forma sintética, a partir de três indagações. (ZANETTI, 2018, pág. 23).

Nesse contexto, podemos encontrar um grandioso vetor que colabora para o processo de construção do território, este vetor seriam os dispositivos de comunicação. Para a autora, território e territorialidade são compostos por uma estreita relação entre natureza e cultura, material e imaterial, que são organizados e têm origem em diversos movimentos. As tecnologias tornam-se uma estratégia humana capaz de assegurar o lugar no mundo, impulsionando os sujeitos em direção a uma ampliação de seu contexto e dando outros sentidos às suas territorialidades.

---

Partindo da ideia de que os sujeitos, ao se apropriarem de um determinado espaço, seja abstrato, por representação, ou mesmo concreto, haveria um processo de territorialização do mesmo. Nesse sentido, se deve entender que as produções audiovisuais podem ser capazes de atuar como dispositivos construtores de territorialidades. Para a autora, essas práticas seriam uma possibilidade de “apropriação” de espaços, que poderiam ser redesenhados, modificados, realçados etc. A ação do realizador audiovisual/cinematográfico, por exemplo, tem traços de ocupação, ressignificação de espacialidades, por meio de uma linguagem cinematográfica, ou mesmo pelo processo de filmagem ou processo de produção como um todo.

### **Opções metodológicas**

Para o desenvolvimento do trabalho, optamos pela metodologia de análise de conteúdo, focalizando em uma de suas técnicas denominada análise temática. A análise temática compreende três etapas: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação do conteúdo (GOMES, 2002).

Nosso corpus foi composto pelo documentário (curta-metragem) “Narradores Urbanos – Outro olhar sobre o Bom Jardim” (2019), uma realização do Coletivo Bom Jardim Produções, produzido, entrevistas individuais semiestruturadas e pesquisa documental. Na coleta de dados, foram entrevistados três jovens participantes das produções oriundas do Programa de Audiovisual na Escola de Cultura e Artes do Centro Cultural do Bom Jardim e do Coletivo Bom Jardim Produções. As entrevistas tiveram duração de vinte minutos e foram realizadas via *WhatsApp*, um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz. Na sequência, foi realizada a transcrição, para posterior análise. As entrevistas ocorreram entre os dias 11 e 14 de junho de 2022. É oportuno destacar que os jovens definidos para fazerem parte do corpus de entrevistas foram escolhidos em decorrência do seu vínculo com as produções audiovisuais. Por meio das entrevistas, foi possível compreender melhor como ocorre a participação dos jovens nas produções.

A análise dos conteúdos audiovisuais ocorreu a partir do acesso do seguinte conteúdo: documentário (curta-metragem) “Narradores Urbanos – Outro olhar sobre o Bom Jardim” (2019). A produção apresenta o Grande Bom Jardim pelos olhos de quem

---

conhece o território de perto. Para além do estigma de bairro violento, o Bom Jardim é um lugar onde as pessoas se divertem, brincam, vão à igreja, ao teatro, ao cinema, estudam. É o lugar onde a vida segue seu curso e que tem muita coisa interessante pra mostrar. Nesse documentário, filmado e pensado pela turma de audiovisual da Escola Osires Pontes, vemos duas visões sobre o bairro. Uma realização do Bom Jardim Produções. As produções analisadas estão disponibilizadas no YouTube, uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

Conforme dito anteriormente, o bairro do Bom Jardim está localizado a sudoeste da capital, localizado na periferia de Fortaleza e é uma dos territórios mais populosos, intensamente ocupado por assentamentos precários. Segundo dados obtidos pelo site do Centro Cultural do Bom Jardim<sup>5</sup>, o bairro esteve entre 2007 e 2009 em primeiro lugar entre os bairros que mais tiveram casos de assassinatos registrados, e dentre os casos há um número considerável de jovens do sexo masculino.

O Bom Jardim, enquanto bairro da periferia de Fortaleza, apresenta diversos problemas sociais em seu território, marcado pela ausência de políticas públicas vinculadas à saúde, habitação, educação, prática esportiva e cultural, o que poderia contribuir para modificar os índices violentos no território.

## **Resultados e reflexões**

Com uma câmera na mão, uma boa ideia na cabeça, um roteiro construído de forma criativa, e a comunidade empenhada em dar vida a muitas histórias, assim inicia-se os trabalhos do Coletivo Bom Jardim Produções, no Bom Jardim, bairro periférico da Zona Oeste da Cidade de Fortaleza/Ceará. A iniciativa ainda busca realizar sonhos de muitas crianças moradoras do Bom Jardim, que desejam atuar com cinema e produções audiovisuais.

O coletivo Bom Jardim Produções surgiu no ano de 2008 por meio de uma iniciativa de Josenildo Nascimento e Gislândia Barros, quando integravam o grupo de teatro de Rua Semearte (Hoje, Pé na Rua). O coletivo reúne Josenildo, nascido em Aracoiaba, município do Ceará, e morador no Bom Jardim desde criança, Gislândia

---

<sup>5</sup> <http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/>



---

Barros, moradora do Bom Jardim desde que nasceu e muitos outros moradores do bairro, interessados nas produções audiovisuais da região.

O Bom Jardim Produções é um coletivo de cinema e teatro, mas o carro chefe são produções audiovisuais de ficção. Trabalhando com diversos gêneros em suas produções: terror, romance, filme de época, drama, suspense, filme infantil, comédia romântica dentre outros, as produções só serão iniciadas a partir do processo de formação de seus integrantes em cinema, vídeo, fotografia, teatro e animação, além fomento a participação e engajamento de outros moradores locais. Nas produções, é possível encontrar muito do Grande Bom Jardim, seja nas locações das produções, seja nas temáticas sempre conectadas com a realidade local, seja no resgate histórico e apropriação do território por parte de seus moradores.

Os integrantes têm procurado aprofundar sua formação e estão com projeto de lançar um novo longa-metragem em 2020-2021. Importante destacar que desde 2015 realizam, em parceria com o Centro Cultural do Bom Jardim, formação em cinema e vídeo na comunidade. Ficam responsáveis pela formação e auxiliam nas produções audiovisuais dos alunos. Os cursos são gratuitos e acontecem no Centro Cultural, nas escolas de Tempo Integral, dentro das disciplinas eletivas. São destinados às juventudes, quando não acontece em escolas, adultos também participam. Geralmente os cursos são de quatro meses, sempre com 30 alunos participando.

### **Análise de conteúdo – Bom Jardim: um território marcado pela relação tempo, espaço e técnica**

Com base na análise dos conteúdos audiovisuais: 01 - CCBJ e 01 - Documentário “Narradores Urbanos - Olho olhar sobre o Bom Jardim” (2019), uma realização do Coletivo Bom Jardim Produções, foi possível verificar imagens de lugares do território marcado por espaços de deslocamentos, de mobilidade e reunião de diferentes sujeitos sociais, como aponta Santos (2006).

Segundo Santos (2006) e ZANETTI (2018), a cultura de massa é indiferente à ecologia social. Ela responde afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação. Esse aspecto é muito presente na produção “Narradores Urbanos - Olho olhar sobre o Bom Jardim”. No início da produção audiovisual, há um questionamento sobre a imagem negativa construída e disseminada pela grande mídia,



---

sobre o Grande Bom Jardim. Na narração é possível verificar esse aspecto no seguinte trecho: “Por que o Bom Jardim carrega o estigma de um território promotor de violência”? “Narradores Urbanos - Olho olhar sobre o Bom Jardim (2019: 00’30”)

Esse processo de mobilidade e transformação do território também apresentado por Santos (2006), Harvey (1992), Raffastin (1993) e D’ÁNDREA (2020), permeiam toda a produção audiovisual analisada, apresentando como o Grande Bom Jardim, vai se moldando com o passar do tempo, ressignificando o espaço. O vídeo traz imagens de feira e comércio, além da narração ao fundo (off) ter foco no desenvolvimento local: “da década de 1990 para cá, o Bom Jardim teve um desenvolvimento bastante significativo, e hoje conta com uma grande variedade de lojas, farmácias...” trecho do documentário “Narradores Urbanos - Olho olhar sobre o Bom Jardim (2019: 1’11”).

A cultura popular se mostra muito presente na produção analisada. A capoeira, por exemplo, é exaltada não só como atividade importante, mas como uma expressão cultural local que mistura esporte e cultura popular. Sobre esse aspecto, Santos (2006) e ZANETTI (2018), ressaltam que as manifestações locais terão suas raízes fincadas na terra destes espaços. Segundo os autores, há um lugar para uma espontaneidade e afetividade, que trará sentido aos movimentos dos moradores das Periferias e zonas às margens do progresso. Esse sentido marcará sua relação com espaço, dará sentido ao espaço em si, e apresentará de algo modo, uma resistência à racionalização e automatização ou à “mecânica rotineira”.

O desenvolvimento ou avanço marcado pela chegada/ construção de linha de ônibus, calçamentos e asfaltos... mais escolas... Contrapõem-se com a perspectiva de passado, onde não se tinha a técnica fortemente impregnada ao espaço. “Aqui era bom demais. Tinha mato, mas era ótimo. O pessoal só se divertia só no futebol, não tinha ladrão... E agora, tu já viste como está, né? Agora é só bandido, traficante, maconheiro...” Trecho do depoimento de uma moradora local para o documentário “Narradores Urbanos - Olho olhar sobre o Bom Jardim (2019: 2’11”).

### **As entrevistas – O olhar de quem faz acontecer**

Com base nas entrevistas realizadas<sup>6</sup>, foi possível verificar que todos os jovens

---

<sup>6</sup> realizadas via *WhatsApp* entre os dias 11 e 14 de junho de 2022

entrevistados consideram a relação com o bairro onde mora. O/A participante 01<sup>7</sup> Ressaltou: “Passei toda a minha infância morando no mesmo bairro (bairro no qual moro atualmente), mudei por 4 anos para outro, e então voltei para meu bairro atual. Conheço meu bairro e me sinto segura nele. Nunca sofri assalto ou qualquer violência nele. Já o/ a participante 02<sup>8</sup> diz “Nasci e me criei no bairro, foi onde tive minha primeira vivência com o cinema e o teatro e a música, onde vi que era possível sair da Periferia e mostrar a arte que nasce do bairro”; O/ a participante 03<sup>9</sup> ressalta: "Eu moro no Bom Jardim, desde dos meus 7 anos de idade. De lá pra cá, participei de vários projetos culturais entre eles o coletivo "Bom jardim produções" e faço parte da "Academia Shotokan", onde ensinamos karatê para vários jovens do bairro. Eu sempre cresci ouvindo que o meu bairro era perigoso e tals. “Mas desde sempre, amei ele, aqui existem muitos talentos de diversas áreas, que só estão esperando uma oportunidade para se mostrarem”.

Sobre as alterações no Grande Bom Jardim, provocadas pelo tempo e pelo avanço tecnológico, O / a participante 01 ressalta: "Em outras gerações, não foi possível realizar o mesmo registro que atualmente”. Seguiu, “A minha tem a possibilidade”. Noto mudanças entre como era no passado. Quando descrevem, retratam cenários com terrenos grandes e pouquíssimas casas. O que já não é mais o caso. Segundo o/ a participante 02, “Hoje temos acesso à internet, redes sociais, conseguimos alcançar diversos públicos de diversos lugares”. Seguiu: "No tempo dos meus pais, a comunicação era mais complicada e o olhar para o mundo do cinema e do audiovisual como forma de educar era mais difícil.”

Sobre as produções audiovisuais que participa e a possibilidade de se construir outro olhar sobre a realidade local, o/ a participante 03 ressalta: "Sem dúvida. Como pessoas periféricas, sempre ressaltamos quem somos em nossas produções. É uma oportunidade de nos dar voz e dar voz aos nossos”. Para o/ a participante 04<sup>10</sup>, “Sim! Já produzimos diversos trabalhos juntos e já formamos diversos jovens, que estão por aí se multiplicando no bairro e construindo seus próprios coletivos”.

Sobre a importância das produções audiovisuais em quem tiveram a

<sup>7</sup> Morador (a) do Bom Jardim e participante dos projetos audiovisuais do Coletivo Bom Jardim Produções

<sup>8</sup> Morador (a) do Bom Jardim e participante dos projetos audiovisuais do Coletivo Bom Jardim Produções

<sup>9</sup> Morador (a) do Bom Jardim e participante dos projetos audiovisuais do Coletivo Bom Jardim Produções

<sup>10</sup> Morador (a) do Bom Jardim e participante dos projetos audiovisuais do Coletivo Bom Jardim Produções

---

oportunidade de participar, o/ a participante 02 destacou: “A História de Damn” conta a história de um garoto de bairro periférico que foi morto por ação policial de profissionais despreparados. É baseado em uma história real de um amigo de membros do nosso coletivo e a narrativa toda rola em torno do bairro. O garoto foi morto na praça desse bairro. É uma crítica forte à violência aos povos periféricos e o descaso do Estado contra eles, dito que o caso nunca foi solucionado e a vítima nunca teve justiça.

### **Considerações finais**

Ao analisar o documentário (curta-metragem) “Narradores Urbanos – Outro olhar sobre o Bom Jardim” (2019), é recorrente o questionamento sobre a imagem negativa construída e disseminada pela grande mídia, sobre o Grande Bom Jardim e o avanço da sociedade ser observado pela ótica da incorporação das técnicas no cotidiano.

Esse aspecto chama atenção por dialogar com as compreensões de Santos (2006), D’Ándrea (2020), e SACK (2013), quando ressaltam não só o aspeto de entender a cultura de massa sendo indiferente da ecologia social, mas reforçando também que ela responde afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação de um território dinâmico e com muitos contrastes.

Os processos ligados a essa prática são, desse modo, uma forma de apropriação e de mudança no território, ao longo do tempo e dos avanços nas técnicas, alterando as formas de territorialidades, como resalta RAFESTIN (2013) e ZANETTI (2018). Esses processos, vistos e analisados no documentário (curta-metragem) “Narradores Urbanos – Outro olhar sobre o Bom Jardim” (2019) contribuem para se pensar o território e as territorialidades, e mostra um espaço marcado por disputa de poder, em diferentes perspectivas.

### **REFERÊNCIAS**

AGUIAR, Larissa de Fátima Pontes et al. Compreendendo a comunidade: experiência da equipe interdisciplinar do Bom Jardim-Fortaleza (CE). **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 4, n. 14, p. 140-145, 2008.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade**. In: \_\_\_\_\_. Magia e

---

Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CANEVACCI, Massimo. **Constelações ubíquas: Rumo a uma antropologia não antropocêntrica**. Revista Matrizes. V.15 - Nº 1 jan./abr. 2021 São Paulo

D'ÁNDREA, Tiarajú Pablo. **Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos**. Novos Estudos Cebrap, v. 39, n. 1, jan. abr. 2020, p. 18-36.

FERRO, Marc. **“O filme, uma contra-análise da sociedade?”** In: FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 79-115.

GARDIES, R. **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Texto & Grafia, 2007.

GEOgraphia, vol: 22, n.48, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais**.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 17. ed. [Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves] São Paulo: Loyola, 1992.

RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, Robert David. **O significado de territorialidade**. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

SALES GOMES, Paulo Emílio. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção**. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

---

Zanetti, D., & Ramos, N. (2017). **Ficção e rastros documentais: cotidiano, espaço e território no cinema de Miguel Gomes**. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 44(47), 90-113.

ZANETTI, Daniela. **Territorialidades no campo audiovisual**. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (Orgs.). **Comunicação e territorialidades: poder e cultura, redes e mídias**. 1ª ed. Vitória: EDUFES, 2018.